



A ESTIGMATIZAÇÃO E A PRODUÇÃO DE SI: REFLEXÕES SOBRE O FILME “PRECIOSA”

Bárbara Cristina Farina¹
Claudio Roberto Baptista²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar o processo de estigmatização, partindo das interconexões existentes entre a imagem individual e a representação social, buscando os seus possíveis efeitos na demarcação dos lugares sociais. Essa análise permite ampliar a compreensão de um processo educativo amplo que envolve sujeito e instituições. Para tanto, parte-se de uma pesquisa bibliográfica a respeito dos conceitos-chave (tais como a própria estigmatização, o preconceito, a imagem e a representação) proposta em sintonia com a análise da obra cinematográfica “Preciosa: uma história de esperança”, na tentativa de buscar ampliação das reflexões no encontro com os fragmentos de vida de uma pessoa que concentra um conjunto de atributos sociais que estão implicados na relação exclusão e deficiência. A análise de um processo de produção de si, considerando as determinações e implicações sociais recíprocas, pode contribuir no sentido de tomada de decisões quando nos referimos à atenção social e ao cuidado, mas apresenta ainda claros nexos associados à educação como processo que não se refere exclusivamente à escola.

Palavras-Chave: educação especial, estereótipo, estigma, preconceito e imagem.

A experiência, a possibilidade que algo nos aconteça, nos atinja e nos modifique, é limitada em essência pelo conjunto de estigmatizações que nos acompanha e cerca, demarcando os lugares e os limites de cada um de nós diante de uma lógica social pré-formatada. Através de parâmetros de normalidade, socialmente acordados, construímos um “papel” que passa a constituir facetas de nossa própria identidade, fixando os limites do que podemos fazer e do que pode ser esperado de nós. A imagem individual – como aquilo que nos apresenta e que pode ser rapidamente apreendido num lance aligeirado de olhar –, a partir de suas marcas, nos liga a um conjunto de atribuições que conformam os estereótipos e que

¹ Mestranda da Faculdade de Educação da UFRGS, vinculada à Linha de Pesquisa “Educação Especial e Processos Inclusivos” e ao Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar (NEPIE). Professora da rede publica - municipal e particular de Porto Alegre.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Coordenador do NEPIE – Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar (UFRGS). O presente trabalho integra as ações realizadas no âmbito do Programa PROESP, com apoio da CAPES

dão origem às estigmatizações, fortes limitadoras da possibilidade de ser e de existir fora das expectativas geradas.

Este texto tem como objetivo analisar o processo de estigmatização, partindo das interconexões existentes entre a imagem individual e a representação social. Pretende, assim, discutir os lugares sociais associados às estigmatizações e seus nexos com a imagem individual, buscando a compreensão acerca de um sistema de representações socialmente constituído; para isso será analisada a obra cinematográfica “Preciosa: uma história de esperança”, na qual estes processos de classificação e exclusão, ligados à imagem individual, são apresentados de uma forma bastante clara ao mostrar dimensões vivenciais de uma jovem carregada de estigmatizações, que integra uma família com intensas dificuldades de relacionamento e que apresenta limitações que envolvem as dimensões da interação social, da aprendizagem e da capacidade de expressão. Para tanto, este artigo será dividido em três subseções, dentre as quais a primeira tem por objetivo refletir sobre a forma de organização social alicerçada na construção de estereótipos, de estigmas e, assim, de preconceitos; a segunda, resgatar aspectos relevantes a esta temática presentes na obra cinematográfica referida; e a terceira, tecer relações mais diretas entre as duas partes anteriores e as dinâmicas existentes nos ambientes em que a diversidade se apresenta de forma mais efetiva.

O ‘EU’ E O ‘NÓS’ NA PRODUÇÃO DE SI

Em uma sociedade heterogênea como a atual (ainda que se busque constantemente a homogeneização), algumas estratégias são criadas com a finalidade não apenas da aceitação pessoal em frente ao grupo, mas também da sobrevivência a partir da filiação aos iguais. Estas estratégias surgem de necessidades internas de segurança e auto-afirmação, segundo José Leon Crochik (2006), mas se consolidam apenas externamente a partir da constituição de um conjunto comum de crenças e de conceitos, que passam a fazer parte da cultura e a serem socialmente aceitos pela naturalização dos seus enunciados.

O conjunto de crenças e conceitos, que se refere a indivíduos ou grupos específicos, parte dos estereótipos (que seriam as marcas com os seus respectivos atributos, desde que contenham um teor negativo e depreciativo), mas não se restringe a eles. A partir dos estereótipos, se tem a construção das estigmatizações que, segundo Erving Goffman (2008), seriam o rótulo que se prende aos indivíduos, sempre de forma depreciativa e negativa. A

partir deste rótulo os indivíduos passam a ser definidos como anormais ou desviantes, razão pela qual uma série de comportamentos e características passam a ser rigidamente esperados. Este complexo conjunto de estereótipos e de estigmatizações dão origem às pré-concepções, as quais podem ser identificadas como importantes elementos constitutivos daquilo que habitualmente chamamos 'sujeito'. Trata-se de um movimento que constrói e direciona, sem, no entanto, possuir um caráter determinante. Anuncia contornos de vida que têm definições opacas quanto à origem das bordas que definem o eu e o outro. Essa dimensão constitutiva será amplamente analisada a partir de campos teóricos como a psicanálise, a abordagem histórico-cultural e a perspectiva sistêmica. Ao identificar esses campos teóricos, pode-se reconhecer como um plano de articulação a defesa de que o sujeito emergente tem com seu contexto de referência uma relação que pressupõe interação e interdependência. Não se trata, portanto, de uma determinação externa de uma imagem a ser introjetada, mas de um movimento que transforma em 'eu' algo que é inicialmente 'nós'. O termo 'nós' apresenta-se como um ponto de conexão que contempla (amarra?) o sujeito e o contexto.

Entre este 'nós' – a quem duplamente constituímos e por quem somos constituídos – são difundidas e compartilhadas verdades que se tornam inquestionáveis, e que caracterizam o preconceito. Estas verdades poderiam ser compreendidas como a negação à reflexão e ao conhecimento, ou seja, como a não-experiência. Nesta perspectiva, a experiência e a vivência se tornariam desnecessárias: o acoplamento a um conjunto de crenças socialmente construídas não apenas facilita o processo de “apropriação” de uma suposta (porém, criada) realidade, como garante uma maior aceitação individual perante o grupo pelo compartilhamento de um sistema único de conceitos e de verdades. As imagens que os próprios indivíduos constroem acerca de si mesmos (ainda que não de forma consciente) resultam em imagens preconcebidas de tipos de sujeitos, às quais são dirigidas variadas demandas e expectativas. Em um ambiente escolar, por exemplo, voltado em essência à formação e à humanização, estas representações servem como formas classificatórias e, assim, excludentes e limitadoras, ao contribuírem para um certo delineamento que tem implicação na definição de quem sou, mas também no estabelecimento daquilo que eu posso, inclusive quanto à aprendizagem escolar.

[...] a consciência do corpo e a relação com ele estabelecida são elementos constitutivos da identidade. [...] é de enorme importância a visão das representações sociais como elementos de justificativa e legitimação de comportamentos de regulação ou de repressão, cuja construção advém de atividade psicológica individual e coletiva – construção essa presente no 'si mesmo' [...] e no 'outro'. (AMARAL, 1992, p. 59)

As representações da anormalidade respondem a um imaginário social que, por sua vez, se adequa a um perfil de indivíduo esperado e socialmente aceito. Este sujeito esperado, segundo Lígia Amaral (2002; 1992) e Milton Santos (2009), corresponderia, em suma, ao indivíduo produtivo, consumista e competitivo. A impossibilidade de alcançar estas características demarcaria a anormalidade. Ainda que esta anormalidade corresponda a um desvio social - segundo Gilberto Velho (2003) -, este desvio é fundamental pelo duplo movimento que realiza, de negação da anormalidade e da reafirmação contínua da normalidade. Configurar-se-ia um ciclo vicioso, tendo em vista que a própria anormalidade tem como função reafirmar a normalidade e renegar o desvio: a ordem só é mantida pela existência da anormalidade, ainda que esta seja renegada e que, por vezes, se busque a sua eliminação.

A possibilidade de ruptura deste ciclo retroalimentativo depende de uma mudança no lugar de quem olha, para que o objeto/indivíduo aparente no campo de visão não seja diretamente ligado a uma pré-representação, limitadora da ocorrência do imprevisto e da experimentação. Contudo, para que se construam mais pistas neste caminho, é necessário compreender como as imagens se ligam (e muitas vezes se restringem) às suas representações. Antes de serem apresentadas algumas reflexões neste sentido, serão colocados em destaque os indícios constitutivos de uma obra cinematográfica escolhida, a qual concentra e expõe uma série de estereótipos, estigmatizações e preconceitos.

REFLEXÕES A RESPEITO DE ‘PRECIOSA’: O CINEMA COMO FONTE DE ESTRANHAMENTO

Respondendo a uma movimentação dupla de estar em nós e de ser produzido por nós, o cinema pode ser considerado como uma produção social e cultural complexa, como um meio de criação e de (re)produção de verdades socialmente acordadas, permitindo a identificação e o compartilhamento de crenças e valores entre a obra (como um processo em permanente movimento de construção), a equipe de produção (entendida de forma amplamente coletiva, abrangendo os seus mais diversos sujeitos) e o espectador (como um agente ativo na atribuição de sentidos e, assim, na constituição da obra fílmica). É um elemento que compõe o social, modifica os sujeitos, ao mesmo tempo em que é constituído e modificado por eles.

A estigmatização e o preconceito, que embasam e ordenam relações, estão absolutamente naturalizadas em nossas organizações sociais, de forma que passam despercebidas no cotidiano. Neste sentido, o cinema pode figurar como uma importante fonte de estranhamento: como a possibilidade de olhar, através de um viés diferenciado, para as situações que nos envolvem. Por vezes, é preciso uma apresentação da realidade incisiva e chocante para que o óbvio seja visto: que pelo incômodo das situações observadas possamos ver a nós mesmos e a rede de relações na qual estamos inseridos. É neste sentido que o filme “Preciosa: uma história de esperança” (*Precious: Based on the Book "Push" by Sapphire*) é constituído. Trata-se de um filme de 2009, gravado nos Estados Unidos e dirigido por Lee Daniels, sendo uma adaptação do livro “Push”, da poetisa Sapphire (nome artístico de Ramona Lofton), publicado em 1996.

O filme apresenta a história de Clareece Preciosa Jones, sendo que o próprio nome da protagonista poderia ser interpretado como uma provocação irônica em função das contradições que concentra: Preciosa, como é chamada, é uma jovem de 16 anos, negra, pobre, obesa e analfabeta. Não bastasse reunir em si própria esta série de atributos, é alvo de violência física e mental, sofre abusos sexuais da mãe e do pai e está grávida de seu segundo filho (ambos fruto da violência paterna), sendo que a primeira filha é portadora da Síndrome de Down. Sua história começa a ser contada a partir de um ambiente escolar, no qual os pensamentos de Preciosa se confundem com o caos do seu entorno: os colegas gritam e brigam, o professor tenta em vão explicar suas fórmulas matemáticas e Preciosa pensa que tudo será diferente quando ela e o professor branco a sua frente se casarem. No meio de sua fantasia, Preciosa é chamada à realidade pela direção da escola, que lhe comunica o seu afastamento daquele ambiente para outro, supostamente mais apropriado às suas condições (de jovem, grávida e com sérias dificuldades de aprendizagem).

A partir deste momento, Preciosa se divide entre a sua vida familiar caótica (cercada de mentiras e de violência) e uma ‘possibilidade de ser’ diferente, apresentada pela professora da escola que passa a integrar. Neste novo espaço, no qual outras meninas desviantes se encontram e dividem suas histórias, Preciosa é convidada a escrever sobre si e, neste processo, a se conhecer e a se valorizar. No processo de constituição de si mesma, que se dá de forma paralela à constituição de uma nova vida em seu ventre, Preciosa se depara com novos problemas (como a sua contaminação pelo vírus HIV, transmitido pelo próprio pai, e como a total complacência da mãe a toda a violência que recebeu ao longo da sua vida). No encontro entre o que Preciosa imaginava ser, entre o que gostaria de ser e entre as diferentes demandas que começa a receber dos meios no qual circula, se constitui um novo indivíduo,

mais consciente de suas estigmatizações e de suas possibilidades de fuga do previamente definido.

As possibilidades de análise da obra em questão não se restringem ao processo de estigmatização que se direciona à protagonista, mas também à referência a forma como ela própria irá se apropriar deste mesmo processo: da maneira como a menina se vê em uma lógica de imaginação e fantasia; e da forma como faz ser vista (ou melhor, não vista) nos ambientes que frequenta. Um terceiro ponto a ser levantado é o lugar em que encontra acolhimento, a princípio composto por um conjunto de meninas também marginalizadas e organizadas por uma professora que também carrega em si os estereótipos da homossexualidade.

Partindo então da forma como Preciosa organiza os elementos de suas fantasias, sempre relacionadas aos momentos de grande pressão ou violência, se tem a clara representação do perfil ideal de sujeito socialmente construído. Em sua imaginação, Preciosa aparece ou como uma celebridade aclamada (com visibilidade, poder e dinheiro), acompanhada por um namorado branco, ou como uma garota branca, magra e com longos e lisos cabelos loiros. Reitera-se o perfil de sujeito almejado e a vontade sempre presente de aproximação deste ideal, ainda que distante da realidade. Uma das cenas mais fortes neste sentido é a que mostra a protagonista em frente a um espelho, no qual a imagem refletida veste a mesma roupa e recebe os mesmos acessórios que a garota, mas é branca, magra e loira. Tem-se, assim, a reafirmação da normalidade constituída e a sua naturalização, também por parte dos indivíduos considerados desviantes.

Por outro lado, chama a atenção o fato de que a imagem de Preciosa e a própria fantasia da sua constituição não correspondem à forma como procurava ser vista pelos outros: como um elemento invisível e transparente, sem atuação ou papel designado. Esta invisibilidade, contrastante com os holofotes e flashes de suas fantasias, nunca era efetivada, pois o seu lugar nos ambientes sociais estava bem marcado pelos atributos de seus estereótipos: a gorda, a burra, a incapaz etc. Estas estigmatizações só enfraqueciam a sua própria auto-estima, desejando ela própria ser diferente do que era e aliando-se ao perfil socialmente construído.

Por fim, o último aspecto relevante dentro desta perspectiva é o lugar em que Preciosa encontra aceitação: em meio a outras meninas desviantes (ainda que os desvios correspondessem a diferentes ordens). Assim, em meio a outras analfabetas, imigrantes ilegais, ex-drogadas e prostitutas, Preciosa passa a ser aceita. Contudo, é importante destacar a ideia perpassada (ainda que questionável) de que apenas este ambiente diferenciado, no qual

se concentravam outros desvios, seria o ideal para ela. Ali ela se alfabetiza e se torna capaz de almejar um espaço no mercado de trabalho, aproximando-a do ideal da normalidade. A proposição desse espaço diferenciado expõe a rigidez da estrutura escolar, em função do restrito espaço oferecido a alunos que se apresentam como desviantes em relação ao perfil esperado; mostra ainda que o acolhimento que pode produzir novas formas de constituir-se sujeito é aquele que não desconsidera o passado, mas oferece instrumentos para sua resignificação, como ocorre com a escrita e a escrita sobre si mesma.

Ainda que o filme apresente uma grande quantidade de estereótipos, chegando a um extremo da tragédia humana, se torna fecundo no sentido em que trata substancialmente das imagens e das representações individuais perante a sociedade e perante si mesmo. Possibilita, assim, o questionamento sobre as diferentes imagens que um indivíduo pode possuir (as que constrói, as que adquire e as que almeja), bem como a forma como o perfil socialmente constituído retorna sempre à constituição destas imagens: seja na negação do que se afasta deste perfil, seja na tentativa contínua (ainda que fantasiosa) de aproximação e, assim, na incessante busca pela normalização. Tendo resgatado os aspectos considerados relevantes dentro da perspectiva da formação de estereótipos presentes no filme, falta questionar como as imagens acabam aprisionando-se às suas representações, impedindo outras interpretações que não as já fixadas, ao que o texto se dedica na última seção que segue.

POSSIBILIDADES DE LEITURA DA IMAGEM CINEMATOGRAFICA, POSSIBILIDADES DE ESTRANHAMENTO DO NATURALIZADO

A imagem, seja ela cinematográfica, fotográfica ou outra, é o resultado da interação entre os sujeitos e as relações que se dão no encontro, em determinado contexto, encaixado em questões culturais que atravessam esse acontecimento. A imagem não se dá no vazio, mas se conforma “[...] por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão e do engenho.” (MANGUEL, 2001, p. 28). Assim, a imagem do outro é também a nossa e a dos demais, ainda que seja em uma lógica de classificação, de inclusão ou de exclusão. As imagens, segundo Manguel (2001), nos formam, nos informam e nos conformam a modelos e

interpretações. Assim, são as ferramentas que utilizamos para conformar a nós mesmos, aos demais e, quem sabe, para deformar a uns e a outros.

A interpretação da imagem contém três níveis de percepção, segundo Roland Barthes (2004), que representariam níveis de análise que partiriam do mais superficial e concreto (denominado *informacional*), passariam por uma análise mais centrada nas significações e no sistema simbólico empregado (tornando-se extremamente relacionado à própria bagagem cultural, recebendo o nome de *simbólico*) até alcançar o último e mais profundo nível, denominado de *obtusos* e que conteria algo a mais, necessitando de maior sensibilidade para a sua compreensão. Ainda que qualquer entendimento da imagem necessite dos três níveis expostos, na maior parte das vezes se restringe ao informacional e ao simbólico. O obtuso exige uma busca pelo que não é óbvio, pelo que não está dado. Corresponde àquilo que escapa, ao que está no limite das percepções, se encontrando no nível das irrupções, dos imprevistos.

Relacionando a lógica exposta à criação de estereótipos, a análise da imagem individual preconceituosa ficaria restrita aos dois primeiros níveis: partiria do que é meramente informacional (fixando-se às marcas consideradas desviantes) e a ligaria ao conjunto de atributos que o sistema simbólico traz como verdades pré-concebidas, de onde advêm as estigmatizações e o preconceito. Buscar compreender o indivíduo fora destes padrões exige a busca pelo nível obtuso, pelo que não está dado: demanda, assim, percorrer caminhos desconhecidos para a construção do conhecimento próprio. Se procuramos refletir sobre a potência desses conceitos na análise da obra apresentada, podemos delinear planos de leitura que passam da dimensão mais informativa para aquela representada pelo simbolismo. Há imagens e espaços sociais que são propostos como previstos para aqueles que possuem os atributos caracterizadores da protagonista. As imagens sociais também são acessíveis em recortes, devendo ser compreendidas como inseridas em contextos mais amplos. A imagem não é fixa, só existe no movimento duplo de construção e de percepção que é contínuo, ainda que para a sua respectiva interpretação seja preciso estagná-la. Contudo, isso não impede a compreensão da sua complexidade, do seu movimento, ainda que isso pareça contraditório. A imagem é constituída no ato de ver, o contexto em que ela é vista passa a fazer parte do seu entendimento, ou seja, dela mesma: vai além da imagem que mostra e chega à imagem que nos modifica e que, assim, torna-se parte de cada um e de todos os demais.

Segundo Crochik (2008), o preconceito diz mais respeito ao ser preconceituoso do que ao seu alvo. A construção de um estereótipo, necessariamente, envolve não apenas a imagem-alvo em questão, mas a realidade social que a cerca, os objetivos comuns àquela sociedade e a

forma de entendimento e a bagagem cultural de quem olha. No filme, fica claro que o preconceito não partia apenas dos indivíduos normalizados, mas que era reforçado por todos, inclusive por aqueles considerados desviantes pela própria lógica que reafirmam. Nada surpreendente se pensarmos que todos estes indivíduos estão no mesmo sistema, compartilhando as mesmas verdades socialmente construídas e almejando os mesmos objetivos (inclusive de aparência e status). Quando Preciosa, em seus momentos de fantasia, imagina ser uma jovem magra e loira, quando imagina se casar com o professor branco e bem-educado, nada mais faz do que reforçar os padrões de normalidade na qual se encontra imersa, ainda que não corresponda a sua própria imagem e constituição.

As palavras e as nomações são atitudes/lógicas políticas, pois trazem consigo sentidos, histórias e significações socialmente acordadas. No jogo linguístico, se constitui o outro. Na traição das palavras, existe a possibilidade de fixar o outro em estereótipos, a partir de preconceitos, mas também se pode reverter a situação, trazendo este mesmo outro de uma forma nova e diferente, desde que seja dado espaço para o imprevisto.

As representações se constituem entre os discursos e seus respectivos enunciados, constituindo-se ao mesmo tempo em que os sustentam através da naturalização. Dependem do regime de verdade para conseguir se naturalizar e se estabelecer: em quantos mais enunciados estas representações são difundidas e em diferentes meios, mais são naturalizados. As representações, para as identidades, funcionam como rótulos, como estereótipos.

[...] Sin duda, el peligro consiste en que la representación quiera pasar por la presencia, el signo por la cosa misma. [...] Además la presentación es tanto movimiento de lo verdadero como de lo falso, lo que representa al *eidōs* y lo revela, o lo que lo representa y lo vela. Ambivalencia de la representación, cuyo juego alberga a los contrarios, igual que el *joker*, carta neutra que da juego al juego, abriendo la posibilidad del doble. Juego de lo otro y de lo mismo, de la diferencia en la unidad, que definiría el ser, según el “Extranjero” del *Sofista*. (ENAUDEAU, 1999, p. 31)

Deixar a representação passar pela coisa mesma é entender o anormal através do seu desvio, como se fosse a própria anormalidade e não um indivíduo que a possui. É ignorar que esta anormalidade se constitui apenas na comparação e na classificação, respondendo a uma lógica socialmente acordada, mas que é relativa e mutável. Satisfazer-se com os esquemas pré-formatados e limitadores das possibilidades de improvisação, compreendendo os diferentes indivíduos pelas lentes do preconceito, é aprisionar e aprisionar-se numa lógica simplificadora que nada mais faz do que negar a própria vida. Limita-se o indivíduo, mas limita-se a si mesmo, pois nada além do totalmente esperado pode acontecer: os lugares, os trajetos e as chegadas já estão definidos. A quebra deste ciclo retroalimentativo que demarca a

normalidade-anormalidade depende de uma nova forma de olhar, de uma mudança no lugar de quem olha. É preciso um novo e demorado olhar, menos carregado de inseguranças e mais tolerante ao novo que se lhe apresenta.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lígia Assumpção. **Espelho Convexo**: o corpo desviante no imaginário coletivo, pela voz da Literatura Infanto-Juvenil. São Paulo, abril de 1992, 399 p. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

_____. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação & Diferenças, Estigma e Preconceito: o desafio da inclusão In: OLIVEIRA, Marta K. de; REGO, Teresa C.; SOUZA, Denise T. R. (orgs). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

BARTHES, Roland. **O Óbvio e o Obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Frontera, 2004.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito, Indivíduo e Cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo®, 2006.

ENAUDEAU, Corinne. La presencia em la ausencia. In: _____. **La paradoja de la representación**. Buenos Aires: Paidós, 1999, p. 27-37

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª Ed. Rio de Janeiro, LTC, 2008.

MANGUEL, Alberto. A imagem como narrativa. In: _____. **Lendo Imagens**. Uma história de amor e ódio. São Paulo: Cia das Letras, 2001, p. 15-33.

PRECIOSA: uma história de esperança. Direção de Lee Daniels. Estados Unidos: Lee Daniels Entertainment, 2009. 1 DVD.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VELHO, Gilberto. (org) **Desvio e Divergência** – uma crítica da patologia social. 8ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.